
CASTRO, Diogo Leite. *Biografia do esquecimento*. Vialonga: Ego Editora, 2024.

Jorge Vicente Valentim

Universidade Federal de São Carlos/FAPESP/CNPq

Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n53a1323>

Nascido no Porto, licenciado em Direito e autor de obras de contos – *Histórias da vida moderna* (2015) e *Histórias complementares da vida moderna* (2016) –, Diogo Leite Castro é um escritor muito pouco conhecido pelo público leitor brasileiro, apesar de figurar entre vencedores e selecionados de importantes antologias portuguesas, como as do Centro Mário Cláudio e a sobre a (in)sanidade. Seu primeiro romance – *Descrição abreviada da eternidade* (2020) – recebeu críticas positivas com uma efabulação que já apostava na alteridade como um dos seus temas mais incisivos.

Não gratuitamente, o seu segundo romance tem o sugestivo e sedutor título *Biografia do esquecimento* (2024), deixando o leitor com uma série de interrogações, dentre elas a que logo chama a atenção, afinal, como biografar ou escrever e revelar a vida e a trajetória de alguém, e, ao mesmo tempo, realizar um exercício de apagamento e de esquecimento? Seria possível duas expressões com cargas tão

distintas se associarem e formarem um todo coerente para a própria efabulação?

Trata-se, como já se pode perceber, de um jogo de ironia paradoxal muito bem montado e arquitetado pelo autor, o qual, por diversas vezes, vai deixando o leitor num grau de curiosidade que, muitas vezes, beira a ansiedade. Tudo isso, graças ao exercício de uma voz narrativa que sabe dosar a mesmice com uma boa porção de surpresa e que, ainda, consegue transformar o comum em algo surpreendente e capaz de despertar tanto o mistério quanto o desejo de desvendar os segredos e os meandros de sua personagem principal. Assim, no capítulo intitulado “Fotografia”, o narrador não deixa de interpelar a atenção do leitor:

o nome é um sinal distintivo da pessoa. Através do som conseguimos identificar o sujeito no espaço, mas não conseguimos caracterizá-lo.

Na minha biografia, tudo se misturava e confundia. Os nomes, sendo vários, confluíam num único (e aparente) indivíduo, e a minha consciência, perante aquela dificuldade em captar o essencial, a natureza substantiva do biografado, começava a deslizar pelas letras soltas do alfabeto. Poderia o nome, a sua mera alteração, fosse ela física ou sonora, transformar por completo a substância da pessoa? Alguma coisa me dizia que se escrevesse sobre aquela panóplia de nomes e vocábulos, sobre aquelas sonoridades distintas, simultâneas e diferentes, talvez estivesse a compor a biografia completa do meu biografado. Na verdade, se tivesse a pretensão de escrever sobre a vida de Fernando Pessoa, teria de incluir nos meus parâmetros a biografia completa de Álvaro de Campos, e dos seus outros heterónimos, para ser suficientemente abrangente.

Seria a biografia do senhor Celestino a mesma coisa? (Castro, 2024, p. 79).

Sem querer roubar o prazer da leitura (e é preciso alertar que não pretendo deixar pistas reveladoras), em termos gerais, o romance parece (e friso, parece) muito simplório com um motivo que não é desconhecido do nosso autor. Um jornalista, José Veiga, é convidado a escrever a biografia de um senhor já idoso, sem nada de interessante na sua vida, mas que, para não ser apagado definitivamente, decide solicitar o registro por escrito daquilo que, porventura, teria feito (ou não).

A princípio, relutante, o protagonista fica se perguntando se valeria realmente a pena, mas, depois de um encontro inesperado com uma personagem feminina, cada página sobre a vida do pretense cidadão comum vai ganhando novos contornos. Assim, como numa espécie de labirinto, Celestino Miranda (o biografado) dilata-se como uma espiral infinita e multiplica-se em outras personagens: Celestino Miranda pode ser também Adriano Corvo, escritor; Corvo Miranda, um assassino de Coimbra; ou, ainda, Corvo Barros Miranda, cantor de um bar e exilado em Madri; e assim por diante:

levantei-me e vesti a gabardine. Ao fazê-lo, lembrei-me da fotografia que Maria Julieta me tinha enviado por *email* e fui ao bolso procurá-la. Estava um pouco amarfanhada por causa da chuva. Ainda assim, a imagem antiga da vila suspensa naquela tarde soalheira permanecia intocável. ‘Reconhece?’, perguntei, bruscamente.

‘Oh, que fotografia tão bonita. É o Corvinho, não é?’

‘Há quem diga que é um escritor. O Adriano Corvo. Conhece?’

‘Desculpe, senhor. Mas não sei ler. Para mim é o Corvinho.’

‘E Celestino, conhece?’

‘Esse nome não me chama. Quem é?’

‘Deixe lá...’ (Castro, 2024, p. 95-96).

É preciso alertar que o gesto de desdobrar personagens em ecos e reverberações em torno de si próprio não é uma estratégia desco-

nhecida do autor, ou quem não se lembra do malabarismo performático de Cravel, protagonista do seu primeiro romance – *Descrição abreviada da eternidade* (2020) –, o qual performa distintos tipos de autores – tanto vivos quanto mortos – ao utilizar diferentes tipos de maquiagens e mudar de roupa e de gestos? Seria isto mais uma artimanha do autor ou armadilhas intencionais do narrador? Mandragens da personagem? Nada disso ou tudo isso de uma só vez? Quem sabe?

Na verdade, o romance de Diogo Leite Castro nada tem de simplório, e, mesmo sendo o seu segundo título publicado, gosto de pensar que o autor atingiu um ponto culminante no seu projeto de criação ficcional, na medida em que põe o leitor de frente com uma série de questionamentos que não são apenas da personagem principal, mas são nossos, do nosso tempo, do nosso cotidiano, do presente mais imediato que nos é dado viver, afinal, o que estamos a fazer de nossas vidas? O que fazemos, realmente, importa? A quem importa e para que? O que ficará de nós depois que já não estivermos aqui?

Com um início que parece remeter ao romance metaficcional – ou seja, o romance que procura explicar como um romance é feito (Bernardo, 2010) –, logo, as malhas da narrativa começam a se esgarçar e se misturar, e o que seria um texto sobre como o texto é feito acaba por se desdobrar num romance pretensamente biográfico (mesmo sem saber quem era o seu objeto biografado). Esse, a partir de mais um truque do narrador, soma-se à faceta de um *thriller* de suspense, de um romance policial, quando o protagonista se depara com um quadro aterrorizante e se torna o principal suspeito de um crime (Reis, 2018).

E agora? O que nós, leitores, fazemos diante dessas situações inesperadas? Claro que desistir da leitura, nesta altura do campeonato, está completamente fora de cogitação. Mas, alto lá, Diogo Leite Castro já sinalizara que a leitura não seria um exercício pacífico como

se estivéssemos num mar de rosas. Basta verificar que, muito inteligentemente, ele escolhe como epígrafe um trecho do romance *A costa das Sirtes*, de Julien Gracq, publicado em 1951 e traduzido em Portugal em 1988: “o que tranquiliza o equilíbrio é que nada se mexe. O que há de verdadeiro no equilíbrio é que basta um sopro para fazer mexer tudo” (Castro, 2024, p. 5). Aliás, o romance de Adriano Corvo, o suposto sujeito biografado, *Um delinquente no deserto*, parece estabelecer com a obra de Gracq um diálogo muito próximo, mas não só. Por isso, fico a me perguntar se não é exatamente isto que Diogo Leite Castro faz com seus leitores: mexer e chacoalhar o equilíbrio com este sopro chamado *Biografia do esquecimento* (2024)?

Vale lembrar que o narrador deixa diversas pistas ao longo da trama, como que a chamar a atenção do leitor para o emaranhado que o novelo da ficção pode construir. O fio vai puxando outro fio, as personagens vão se desdobrando em outras, e o leitor vê-se inserido num labirinto de emoções, sensações e cenas, impossível de se desvencilhar. Como bem alerta o protagonista José Veiga, num dos seus momentos de reflexão sobre um dos romances de Adriano Corvo:

o problema é que este sujeito é desenhado ao longo da narrativa como uma personagem complexa, cheia de tiques e inquietações, sem a menor vocação para levar a cabo a sua tarefa. [...] O leitor vê-se enrolado naquele vento cruzado, que se move aos solavancos em direção a uma ravina gigantesca, e fica tentado a atirar-se (Castro, 2024, p. 167).

Como disse anteriormente, *Biografia do esquecimento* (2024) longe está de ser uma obra simplória. Muito pelo contrário, trata-se de um romance mais que necessário em tempos de apagamento e silenciamento da memória cultural. Talvez, por isso, o romance também se apresenta como um grande mosaico cultural, ou como um redemoinho de “grande vento cruzado”, para o leitor, trazendo para a

trama narrativa referências artísticas incontornáveis como o *Livro do desassossego* (1982), de Fernando Pessoa; *Tiago Veiga. Uma biografia* (2011), de Mário Cláudio; *Cidade de vidro* (2006), de Paul Auster; *O delfim* (1968), de José Cardoso Pires; *O caminho de Guermantes* (1970), de Marcel Proust; *O deserto dos tártaros* (2005), de Dino Buzzati; *A costa das Sirtes* (1979), de Julien Gracq; o quadro *A boba* (1915-1916), de Anita Malfatti; as canções *River* (1971), de Johny Mitchel; e *Blue in green* (1959), de Miles Davis.

E já aqui, o leitor atento acaba por ficar com algumas desconfianças salutares, já que não poderão ser essas referências uma espécie de conjunto de pistas para tentar compreender esse mundo chocalhado por figuras que se desdobram, escondem-se, revelam-se (às vezes muito, às vezes pouco, às vezes de maneira muito sorrateira)? Não serão essas referências uma forma de o autor tentar mostrar que é possível apostar num caminho e, mesmo diante do comum e do simplório, vislumbrar nele uma centelha de grandiosidade, capaz de reascender a esperança na própria humanidade?

“A vida / essa invenção magnífica / da morte” (Martins, 2021, p. 64), alerta-nos um dos poemas de Albano Martins. Ora, numa espécie de revisitação aos versos do poeta, quero acreditar que, antes de ser um romance sobre o esquecimento, sobre a violência e sobre a morte, *Biografia sobre o esquecimento* (2024) é um romance sobre a vida, sobre a possibilidade e a esperança de poder criar algo, mesmo diante do desconhecido e do inesperado. Tal como nos alerta o narrador, no capítulo intitulado “A ordem repetida”,

em tempos, li que os livros são a repetição de outros. A história da literatura está cheia de exemplos. Vila Matas diz para não termos ilusões: ‘escrevemos sempre depois de outros’, e Rui Lage, num contexto parecido, fala no ‘cansaço de existir num mundo que, tal como a literatura, não sabe senão repetir-se’.

Vivemos num mundo de ladrões. E ‘a literatura é uma arte escura em que ladrões roubam ladrões’. Talvez por isso a literatura esteja marcada, como diria Cláudio Magris, por uma certa desilusão. Mas não é a literatura que rouba. Que se repete. É a própria vida (Castro, 2024, p. 250).

De personagens que se multiplicam, de narradores que vislumbram o seu biografado como alguém “que escondia uma revelação profunda, um sentimento oculto, (e) tinha necessariamente a sua grandeza” (Castro, 2024, p. 204), de leitores que se emaranham num novelo muito bem construído, *Biografia do esquecimento* (2024), de Diogo Leite Castro, não esconde o prazer da escrita e ainda concede o prazer da leitura.

RECEBIDO: 27/06/2024

APROVADO: 09/08/2024

REFERÊNCIAS

- AUSTER, Paul. *Cidade de vidro*. Tradução: Paula Caetano. Porto: Asa, 2006.
- BERNARDO, Gustavo. *O livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.
- BUZZATI, Dino. *O deserto dos tártaros*. Tradução: Margarida Periquito. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2005.
- CASTRO, Diogo Leite. *Biografia do esquecimento*. Vialonga: Ego Editora, 2024.
- CASTRO, Diogo Leite. *Descrição abreviada da eternidade*. Vialonga: Ego Editora, 2020.
- CASTRO, Diogo Leite. *Histórias da vida moderna*. [S. l.]: Simplesmente, 2015.
- CASTRO, Diogo Leite. *Histórias complementares da vida moderna*. [S. l.]: Simplesmente, 2016.
- CLÁUDIO, Mário. *Tiago Veiga. Uma biografia*. Lisboa: Dom Quixote, 2011.

DAVIS, Miles. *Blue in green* (1959). Disponível em: <https://www.milesdavis.com/track/blue-in-green-feat-john-coltrane-bill-evans/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

GRACQ, Julien. *A costa das Sirtes*. Tradução: Pedro Tamen. Lisboa: Ed. António Ramos Imp., 1979.

MALFATTI, Anita. *A boba* (1915-1916). Disponível em: <https://acervo.mac.usp.br/acervo/index.php/Detail/objects/17330>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MARTINS, Albano. *Por ti eu daria*. Toda a poesia. Lisboa: Glaciar, 2021.

MITCHELL, Johny. *River* (1971). Disponível em: <https://altamont.pt/river-joni-mitchell-2/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

PIRES, José Cardoso. *O delfim*. Lisboa: Moraes Editores, 1968.

PROUST, Marcel. *O caminho de Guermantes*. Tradução: Mário Quintana. Lisboa: Livros do Brasil, 1970.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Recolha e transcrição dos textos Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha; pref. e org. Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1982.

REIS, Carlos. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.

MINICURRÍCULO

JORGE VICENTE VALENTIM é Professor Titular de Literaturas de Língua Portuguesa (Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da UFSCar. Investigador do CECOMP/FLUL e do ILC/FLUP, foi contemplado com Bolsa de Pesquisa no Exterior da FAPESP no ano de 2024. É também Bolsista de Produtividade do CNPq. Foi Presidente da ABRAPLIP na Gestão 2022-2023.